

OPINIÃO

EDITORIAL

As agruras de Daniel Gobbi

A chegada de Daniel Gobbi (PL) ao comando da Câmara Municipal após a renúncia de Isaac Antunes (PL) inaugura mais do que uma troca de gestão: impõe um teste real de liderança em um ambiente historicamente marcado por zonas de conforto, resistências internas e baixa pressão por mudanças estruturais.

O primeiro grande desafio está na transparência. Não se trata apenas de cumprir formalidades legais ou alimentar portais com dados técnicos de difícil leitura. A Câmara, como instituição, ainda opera sob uma cultura de opacidade seletiva — em que a informação existe, mas nem sempre circula de forma clara, acessível e tempestiva. Romper com esse padrão exige mais do que discurso: demanda enfrentamento direto com práticas arraigadas, revisão de fluxos internos e disposição política para expor decisões, contratos e rotinas administrativas ao escrutínio público.

Na mesma linha, surge o segundo ponto sensível: a capacidade de punir desvios. A história recente do Legislativo mostra que, diante de irregularidades, a reação costuma ser lenta, corporativista e, muitas vezes, inconclusiva. O novo presidente terá de lidar com um dilema clássico: até que ponto haverá disposição real para responsabilizar colegas ou integrantes da estrutura quando surgirem denúncias? Sem um posicionamento firme, o risco é reforçar a percepção de impunidade — um dos principais fatores de des-

gaste da imagem institucional.

Mas talvez o campo mais delicado esteja dentro da própria engrenagem da Câmara: a relação com os servidores. Em muitas casas legislativas, são eles que garantem a continuidade administrativa — e, não raro, concentram conhecimento técnico e influência operacional que ultrapassam mandatos. Isso cria uma dinâmica em que o poder formal nem sempre coincide com o poder real. Para Daniel Gobbi, o desafio será equilibrar respeito à estrutura funcional com autoridade política, evitando tanto a captura da gestão por interesses corporativos quanto o conflito aberto que paralise a máquina.

Há ainda um componente de cultura institucional difícil de alterar no curto prazo. A Câmara não muda apenas por decisão de seu presidente. Mudanças profundas dependem de alinhamento entre vereadores, revisão de práticas administrativas e, sobretudo, pressão externa — seja da sociedade, da imprensa ou dos órgãos de controle. Sem esse conjunto de forças, qualquer tentativa de ruptura tende a se diluir na rotina.

No fim, o sucesso ou fracasso da gestão de Daniel Gobbi não será medido por discursos ou promessas, mas pela capacidade de enfrentar esses três eixos: dar transparência real ao funcionamento da Casa, estabelecer critérios claros de responsabilização e redefinir a relação de poder com a estrutura interna. São desafios conhecidos — justamente por isso, difíceis de superar.



OPINIÃO DO LEITOR

Lincoln coloca de lado o bom measureiro em que se transformou. E Isaac — que ainda detém o comando político do Legislativo e parte do Executivo — não quer ser reconhecido unicamente como o mestre-do-rabo-presos.

Luiz Fernando Chiavenato, jornalista

NOVAS IDEIAS

Cores de Almodóvar

LUCAS GABRIEL PEREIRA*



FINDOU-SE EM 04 DE ABRIL O PRAZO PARA OS POSTULANTES ÀS ELEIÇÕES VINDOURAS REGULARIZEM O DOMICILIO ELEITORAL NA CIRCUNSCRIÇÃO QUE PRETENDEM CONCORRER. COM O AVIZINHAMENTO DO SUFRÁGIO PRESIDENCIAL DESIGNADO PARA 04 DE OUTUBRO, RESSURGE NA GRANDE IMPRENSA, NOS BLOGS DE POLÍTICA E DE MOVIMENTOS SOCIAIS, O VETUSTO VERBETE “POLARIZAÇÃO”. TERÍAMOS UM AMBIENTE DE “POLARIZAÇÃO” NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DO BRASIL?

Em política, dir-se-á que polarização é a divisão da sociedade em dois grupos antagônicos. Ou seja, dois projetos políticos diferentes. Seria esse o caso do Brasil? Estaria o Brasil dividido entre petistas versus bolsonaristas, estes, por sua vez, sucessores do espólio tucano de FHC, Mário Covas e José Serra?

O que te remete à memória quando ouve a expressão “polarização”? Qual a sensação? Qual a imagem?

A imagem a qual acorro é “O Grito”, de Edvard Munch. Trata-se de uma obra pintada em 1893, pelo referido pintor norueguês. Nessa imagem, há uma profusão de tons vermelho, amarelo e laranja, dentre outras cores. “O Grito” de desespero apocalíptico de Munch, em certa medida, remete-nos à síntese “cores de Almodóvar”, de Adriana Calcanhoto. Munch e Pedro Almodóvar usam e abusam do vermelho.

Por que dizer polarização, se ambos os candidatos que lideram a corrida eleitoral brasileira prestam tributo ao mesmo deus-mercado?

Pregam o mesmo projeto político: privatizações, concessões, terceirizações; precarização do Ensino Médio; precarização da saúde; defendem o mesmo projeto de economia política voltada ao rentismo; são defensores intransigente da taxa pornográfica da SELIC do Banco Central, que servem de instrumento de transferência de riqueza dos pobres para as classes dominantes; defendem o tripé macroeconômico do presidente FHC etc. Se ambos defendem o mesmo projeto da grande burguesia, qual a polarização, senão, semiótica.

Iguais, porém diferentes. Diferentes nos costumes. Diferentes na diplomacia da boa vizinhança. Algo mais, você elencaria? Antes que o porteiro do paço forense invada nossa prosa e tome o microfone para falar dos “milicianos”, vamos encerrar por aqui. Antes, porém, uma voz ecoa no ar: — “óbvio ululante” —, diz ela. É isso. Talvez nossa esperança esteja enfiada em um quarto de Irajá — como diria Nelson Rodrigues in “Amigos, eis que...”. Com o tempo, porém, o Brasil começou a ser invadido por idiotas da objetividade. A política se tornou projeto de poder para uns; o ópio subiu à cabeça de profetas neopentecostais e quejandos. E agora?

*Advogado, especialista em “Direito Municipal pela FDRP (USP/Ribeirão), é presidente do Conppac - Conselho de Preservação do Patrimônio Cultural (2022/2024, 2024/2026)

Jornal Digital

Leia o QRCode e acesse a versão online do Jornal Ribeirão

Pontos de Distribuição

Veja onde você encontra a versão impressa do Jornal Ribeirão:

Banca Tibiriçá - R. Tibiriçá, 600

Banca do Denis - R. Otávio Golfeto, 326

Banca Saudade - Av. Saudade S/N

Banca Paulista - Av. Independência, 1680

Banca 2000 - Praça Coração De Maria S/N

Banca Balleiro - R. Gen. Osório, 549 - Calçadão

Banca Oracilda - Praça Jose Mortari S/N

Banca Solange - Av. Pres. Vargas, 25 - Esq. Av. R. Nove De Julho

Banca Camões - Praça Camões S/N

Banca Oásis - R. Duque de Caxias, 800

Banca Pinguim - R. Gen. Osório em frente a Choperia Pinguim - Calçadão

Banca do Valdir - Av. Nove De Julho, 378 - Esq. R. Visconde de Inhaúma

Banca 13 de Maio - Av. 13 De Maio, 575

Banca Irajá - R. Dr. Isaac Teodoro de Lima, 588

Banca Sete de Setembro - Praça

Banca do Emerson - R. Campos Salles, 431

Banca Ofício Center - Av. Portugal, 1760

Banca do Amaral - R. Amador Bueno, 395

Banca da Lucia - Av. Dom Pedro S/N

Banca do Rogério - R. Maria Tereza Braga Cenri, 425

Banca do Peruano - R. Florêncio De Abreu S/N (Calçada Catedral)

Banca da Japa - Av. Jerônimo Gonçalves, 493 (Próx Rodoviária)